


Behemoth levanta-se novamente: reflexões sobre o fascismo no século XXI

Behemoth rises again: reflections on 21st-Century fascism

Andreas Huyssen*

Tradução

Sabrina Parracho Sant'Anna

 0000-0003-1726-2018

Resumo

O presente texto é adaptado de *Prophets of Deceit Redivivus* – palestra proferida em 8 de junho de 2019 no Museu de História Alemã em Berlim, em conferência sobre *Mosse's Europe: New Perspectives in the History of German Judaism, Fascism, and Sexuality*. A conferência discutiu proximidades e diferenças entre a atual situação política nos Estados Unidos e o fascismo entreguerras, nacional socialista. O texto foi originalmente publicado em julho de 2019, em *n+1 Magazine*, disponível em: <https://nplusonemag.com/online-only/online-only/behemoth-rises-again/>.

Palavras-chave

Teoria Crítica; Marxismo cultural; Fascismo; Donald Trump

Abstract

The following is adapted from "Prophets of Deceit Redivivus," a lecture delivered on June 8 at the German Historical Museum in Berlin at a conference on "Mosse's Europe: New Perspectives in the History of German Judaism, Fascism, and Sexuality." The lecture addressed the parallels and differences between the current political situation in the United States and interwar fascism and National Socialism. It was originally published in July, 2019, in n+1 Magazine, available at: <https://nplusonemag.com/online-only/online-only/behemoth-rises-again/>.

Keywords

Critical Theory; Cultural Marxism; Fascism; Donald Trump

* Catedrático de literatura alemã e literatura comparada na Columbia University. Presidiu o Depto. de Línguas Germânicas. É um dos editores fundadores da *New German Critique* e atua nos conselhos editoriais de *Constelações*, *Germanic Review*, *Transit*, *Key Words*, *Critical Space*, *Critical Space*, *Memory Studies*, *Lumina*, *Comunicação & Cultura*.

Adaptando aquilo que Adorno já escreveu sobre o nacionalismo, eu gostaria de sugerir aqui que hoje o fascismo está, a um só tempo, obsoleto e atual. Mais do que tomar isso como licença para abraçar fáceis analogias entre o fascismo e o tempo presente, eu gostaria de examinar algumas das categorias utilizadas para descrever o fascismo no entreguerras e no Nacional Socialismo e explorar a sua contínua relevância e a sua concomitante obsolescência no contexto atual.

É indiscutível que os fenômenos da extrema direita radical foram normalizados sob o governo de Donald Trump, e isso se deu de forma ainda mais espetacular quando ele mesmo alegou que havia cidadãos de bem nos dois lados dos conflitos de Charlottesville¹. Aquilo que costumava ser chamado de margem lunática da política americana está se tornando respeitável através de pronunciamentos como esse, mas também através do próprio uso do eufemismo “direita alternativa” [*alt-right*], um termo suficientemente inócuo para mascarar sua ideologia supremacista.

Adorno também advertiu que a sobrevida de tendências fascistas *dentro* da democracia é mais perigosa que a sobrevida de tendências fascistas *contra* a democracia. Hoje, vivemos uma situação em que a distinção de Adorno está sendo explorada. Tendências internas à democracia, brilhantemente analisadas por Wendy Brown em seu livro de 2015, *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution*, estão se fundindo nos Estados Unidos com tendências abertamente contrárias à democracia. O regime Trump participa de ambas. Basta pensar nos sistemáticos ataques republicanos ao direito de voto através da manipulação do voto distrital², recentemente legitimados pela Suprema Corte. Ou compare-se o lema de Mark Zuckerberg “mova-se rápido e quebre coisas”³ à prática diária de Trump de atacar e desmontar as instituições governamentais

¹ O original refere-se à Manifestação *Unite the Right*, um protesto conduzido por grupos de extrema-direita contra a remoção do monumento ao confederado Robert E. Lee na cidade de Charlottesville, Virgínia, Estados Unidos. O movimento era sabidamente formado por supremacistas, nacionalistas brancos, neo-confederados, neonazistas, milícias e membros da direita alternativa. Símbolos neonazistas e tochas acesas foram usadas na ocasião. O evento tornou-se violento depois que supremacistas brancos e grupos antifascistas entraram em confronto, culminando no atropelamento de manifestantes antifascistas por um veículo, cujo motorista foi identificado e, posteriormente, condenado. Os conflitos deixaram uma vítima fatal e mais de uma dúzia de feridos.

² O termo original é “*gerrymandering*”, um neologismo do século XIX que se refere ao uso de método controverso para definir distritos eleitorais e obter vantagens no número de representantes políticos eleitos.

³ No original, “*move fast and break things*”.

americanas, uma prática em profunda sintonia com a demanda de Steve Bannon para “desconstruir o Estado administrativo” e com o apelo de Andrew Breitbart para atacar através da internet “o complexo de midiático do Partido Democrata”. Trump usa o Twitter e seu falso mantra de *fake news* para incendiar o eleitorado, ao passo que muito da efetiva desconstrução das instituições governamentais, no que diz respeito à lei e à constituição, ao sistema de saúde, ao meio-ambiente, à habitação, à política internacional, e à mudança climática, raramente chega às manchetes de jornal de modo continuado. Embora na União Europeia partidos de direita também venham ganhando terreno, fato é que eles (ainda) não se tornaram respeitáveis, salvo raras exceções. Nos Estados Unidos, os Republicanos são o *mainstream* e estão ainda mais orientados à direita que a AfD na Alemanha ou a última encarnação do *Front National* na França.

No entanto, é por causa de Charlottesville e do fascismo zumbi de uma direita purulenta representante do supremacismo branco que se torna inevitável falar de fascismo hoje. Ao mesmo tempo, é claro que comparar Trump a Hitler ou a Mussolini não leva a nada mais que a um antifascismo sem sentido, uma imagem espelhada do que se lhe opõe. O emprego descuidado da analogia pode também equivocadamente sugerir a muitos americanos que o fascismo é uma importação da Europa, ao invés de ser intrínseco à política americana. Hitler, afinal de contas, considerava que sua bíblia era o livro do advogado nova-iorquino, Madison Grant, *The Passing of the Great Race* (1916). E as leis raciais alemãs de 1935 tomaram a legislação racial americana como modelo. O fascismo sempre foi transnacional, como é hoje na Europa e além. Esquecemos disso por nossa própria conta e risco.

Em seu livro *Heritage of Our Time* (1935), o filósofo alemão Ernst Bloch analisou o fascismo como movimento social de massas, baseado na síntese cultural de grandes contradições. Ele argumentava que a ideologia fascista era cortada por duas tendências opostas: modernização tecnológica e modernismo reacionário *versus* crenças míticas na alma e na essência da nação alemã e em sua vocação suprema. Tais crenças míticas, fatalmente ignoradas pelo marxismo de esquerda da Terceira Internacional, foram capturados pelo conceito de *Ungleichzeitigkeit* (não-sincronicidade), tal como formulado por Bloch. O conceito adequadamente apontava para uma fissura entre a percepção temporal e a

realidade vivida, entre modos de vida modernos e pré-modernos na experiência cotidiana de segmentos da população alemã. Bloch enfatizava a potência dos, assim chamados, imaginários “irracionais” ou “míticos”, que podiam ser mobilizados entre camponeses ou nas classes médias mais baixas, cuja experiência de vida não tinha acompanhado o ritmo da modernidade metropolitana e da mudança cultural tecnológica. O autor focava nas temporalidades divergentes da experiência que impregnava esses estratos sociais e que eram suscetíveis aos slogans: *Charisma des Führers* [carisma do líder], *Blut und Boden* [sangue e solo], hostilidade a modernidade urbana, superioridade racial e ideologia *völkisch* – slogans que eram completamente modernos, e não arcaicos.

Parece evidente que a síntese cultural – não como homogeneização, mas como coexistência de dimensões contraditórias – está agora em jogo nas múltiplas camadas do movimento conservador e de seu eleitorado nos EUA. Aquilo que já foi a guerra cultural, travada pelos neoconservadores nos anos 1980, se metamorfoseou hoje em uma autocompreensão cultural ainda mais radical da direita alternativa [alt-right] nos EUA. Para eles os neoconservadores não são mais que “*cuckservatives*”⁴. Não satisfeita em atacar a influência do pós-modernismo e do pós-estruturalismo na academia, a direita alternativa construiu outro bicho-papão: o Marxismo cultural, supostamente responsável pela traição aos valores americanos e equiparável ao politicamente correto. O Marxismo cultural hoje ocupa o espaço discursivo do Bolchevismo, outrora tomado como a imagem de inimigo dominante na ideologia nazista. Não é nem a primazia da política (como no Nazismo), nem a primazia da economia (como no Marxismo tradicional) que prevalece hoje. É a primazia da cultura que vem sendo mobilizada pela direita alternativa. A contracapa de um recente livro de ensaios, *A Fair Hearing: The Alt-Right in the Words of Its Members and Leaders* (2018), oferece uma autodescrição da direita alternativa como sendo “acima de tudo um movimento intelectual”, cujo principal objetivo é “oferecer resistência significativa e finalmente derrotar a esquerda”. Na sua introdução ao livro, o editor George T. Shaw não deixa dúvidas quanto aos alvos do movimento: “Diversidade e multiculturalismo... tendem a tornar sociedades brancas mais pobres, mais

⁴ “Cuckservative” é um termo sem tradução, um palavra-valise e um neologismo composto de dois outros termos, *conservative*, “conservador”, e *cuckfold*, que se poderia traduzir, em bom português, como “corno”.

perigosas e finalmente inabitáveis para brancos”. E ainda: “O genocídio branco está a caminho” porque “manipulações culturais empreendidas através do Estado, da academia da mídia promovem o feminismo, a diversidade, a promiscuidade, a homossexualidade e a transexualidade, suprimindo fortemente as taxas de natalidade branca”. Evidentemente, essa é a versão contemporânea da síntese cultural, mas ela estaria embasada em alguma não-sincronicidade objetiva no sentido cunhado por Bloch? Uma marca da diferença entre o período anterior e os EUA hoje talvez seja o fato de que uma objetiva *Ungleichzeitigkeit* não possa mais existir na América do século XXI. Diferentes experiências temporais na vida real foram há muito niveladas pela homogeneização de mundos da vida atingidos pela comunicação de massa e pela força do capital. Na era da internet e das mídias sociais, o presente reina soberano. Há, é claro, um hiato político entre estados que votam no Partido Republicano ou no Partido Democrata, entre áreas rurais e centros urbanos. Mas, essas diferenças econômicas e sociais muito concretas presentes na vida americana são similares àquelas que, na Europa do entreguerras, foram culturalmente recodificadas para criar um tipo de *Ungleichzeitigkeit*, artificial e altamente subjetiva, entre um presente corrupto dominado por elites liberais e um passado mais autêntico. Essa visão de mundo, capturada pela promessa de Trump de drenar o pântano de Washington e “tornar a América grande novamente”, é alimentada 24 horas por dia pela propaganda da *Fox News*, do *Sinclair Broadcast Group*, e pelos jornais de Robert Murdoch. Mas as maiores fontes do *revival* de tropas e imagens do fascismo do entreguerras, e que se tornaram elas mesmas *(un)gleichzeitig* de uma nova forma, são – é claro – as plataformas digitais como Twitter, Facebook, YouTube, Reddit, Discord, 8chan etc. A real *Ungleichzeitigkeit* no sentido de Bloch foi minada pela internet, que suga todo o passado em seu eterno presente.

Muitas outras diferenças em relação ao fascismo do entreguerras são simplesmente óbvias demais. Ao contrário de Hitler ou Mussolini, Trump não tem uma visão utópica orientada para o futuro. Ele não é um grande líder carismático unindo a nação através de movimentos de massa. Trump se dirige apenas à sua base, em detrimento da nação como um todo. Em seus comícios, ele desempenha o papel de homem forte, agitando as multidões, mas ao mesmo tempo ele afirma ser uma vítima do *deep state*, do mesmo modo que a direita alternativa se diz vitimizada pela censura liberal à livre expressão. É claro que os nazistas também desempenharam o papel de vítimas (*Versailles*, *Dochstosslegende*), mas isso

era contrabalançado por uma ideologia sedutora de um futuro alemão. MAGA [*make America Great Again*] é na melhor das hipóteses uma *Schwundstufe* [uma redução], um resquício dessa visão de futuro. Essa é a diferença entre os grandiosos espetáculos nazistas e o boné de baseball usado por Trump. Muito se falou sobre a vantagem real desse apelo amorfo a uma outra América, que engloba uma vasta gama de memórias, sonhos e fantasias: não apenas remontam aos bons tempos dos altos salários e do pleno emprego no pós-Segunda Guerra, mas também aos Estados Confederados da América e às décadas de segregação racial do sistema Jim Crow; não apenas à vitória sobre o fascismo na Segunda Guerra Mundial, mas também à romantização de formas nativas de fascismo americano que nunca conquistaram o poder. Glórias passadas e sonhos sórdidos de supremacia branca são os dois lados da mistura explosiva que incendeia os seguidores de Trump em seus comícios. Após quase três anos⁵ de presidência de Trump, é difícil imaginar que alguém ainda acredite ser possível tornar a América grande novamente. Como simulacro de desejo após a perda, no entanto, esse slogan tem se provado bastante poderoso. E quanto mais incapaz de comandar a realidade, mais se faz necessária a imagem de um inimigo insidioso que impede a América de se tornar grande de novo.

O que me traz de volta ao bicho-papão do Marxismo cultural. Há dois anos, depois da eleição de Trump e já com Steve Bannon na Casa Branca, eu me deparei com discursos da direita nacionalista americana branca que colocavam a Escola de Frankfurt no papel de sua *bête noire*. A ideia não tem início com Andrew Breitbart, mas ele foi seu grande difusor na internet e nas mídias sociais. Aqui cito o próprio Breitbart em seu livro *Righteous Indignation: Excuse Me While I Save the World!* (2011): “A Teoria Crítica foi exatamente o material com que fomos ensinados em Tulane. Era literalmente uma teoria criticando a todos, a tudo e em todos os lugares. Era uma tentativa de dismantlar o tecido social usando todas as ciências sociais [...] era uma crítica infinita e interminável ao *status quo*, uma rebelião adolescente contra todas as leis e regras estabelecidas... A ideia real por trás de tudo isso era fazer com que a sociedade se tornasse totalmente impraticável, ao fazer com que tudo perdesse basicamente o sentido”. O

⁵ Note-se que o artigo foi originalmente publicado em 2019.

termo “rebelião adolescente” é estranho aqui. Nenhum dos formuladores da Teoria Crítica era adolescente quando desenvolveu seu trabalho sobre a indústria cultural ou sobre o lado sombrio do Iluminismo. Sua recepção nos Estados Unidos, contudo, está fundamentalmente ligada às rebeliões da juventude nos anos 1960, uma obsessão de Breitbart e especialmente de Bannon que, no seu documentário-ficção [docufiction] *Generation Zero*, culpou a geração de 1960 pelo declínio dos EUA. No filme, a geração dos anos 1960 é considerada responsável tanto pelo Marxismo cultural na academia, como pela crise bancária de 2008, numa variação de um outro padrão de feições zumbis de tempos anteriores: bolcheviques e banqueiros. Essa obsessão pela geração dos *baby boomers* remonta aos anos do governo Clinton, quando outro autor de direita, William S. Lind, fez um discurso influente sobre “*As origens do politicamente correto*” (2000) numa reunião da *Accuracy in Academia*, uma organização que sempre ligou comunismo e liberalismo, para melhor atacar o último. Para Lind, o politicamente correto é “o Marxismo traduzido de termos econômicos para termos culturais”. O foco superficial e distorcido de seus muitos pronunciamentos e artigos eram Lukács, Gramsci, Marcuse, e a Escola de Frankfurt, sendo a última especialmente perigosa por ser supostamente bem-sucedida em mascarar seu marxismo, uma vez que migrou para os EUA fugindo dos nazistas. O ataque generalizado à geração de *baby boomers* foi um cliché conservador por muitos anos, mas seu uso como armamento estaria destinado a ser mais eficaz entre as gerações subseqüentes, especialmente entre os Millenials e a Geração X.

Escrevi em outras ocasiões sobre essa estranha obsessão da extrema direita com a Escola de Frankfurt e com o Marxismo cultural⁶. É claro que o termo Escola de Frankfurt era usado na direita como um codinome para identificar a influência judaica numa época em que o antissemitismo ainda era publicamente evitado. Mas também, para um entendimento popular e deturpado, há uma afinidade eletiva entre a recepção da Teoria Crítica e o enterro da Democracia americana. Olhando no espelho da teoria crítica e de sua análise sobre ódio racial e dominação da mídia, Lind, Breitbart, Bannon e seus pares podiam reconhecer a eles mesmos e a sua história. Seu ataque extremado à Escola de

⁶ Para mais detalhes, ver <http://www.publicseminar.org/2017/09/breitbart-bannon-trump-and-the-frankfurt-school/>

Frankfurt aponta para o fato de que são eles mesmos que estão fazendo aquilo que falsamente acusam seus oponentes de fazer: subverter a política e a cultura americanas. Afinal, qual é a diferença entre tornar a sociedade impraticável e destruir o estado administrativo? Entre tornar tudo sem sentido e criar fatos alternativos através de *fake news* ancoradas em teorias da conspiração? Adorno e Horkheimer analisaram tais procedimentos de mimeses, projeção e inversão em seu livro *Dialética do Esclarecimento*. Leo Löwenthal e Norbert Guterman colocam isso de forma bastante sucinta em seu livro de 1949 sobre tendências fascistas nos EUA, intitulado *Prophets of Deceit*: o seguidor da ideologia de direita “não é senão um reflexo invertido de seu inimigo”. Do mesmo modo, a direita alternativa adaptou estratégias da crítica de esquerda e as virou contra seus próprios formuladores: anti-racismo como prova de que a esquerda é racista contra os brancos, e assim por diante. A alegada insurgência do marxismo cultural deve, portanto, ser confrontada por uma contra-insurgência da direita. Esse quarto de espelhos é o que a teoria amigo-inimigo de Carl Schmitt produz no mundo real.

Em 2016, era tentador ver Trump como a reencarnação da descrição que Löwenthal e Guterman fizeram do agitador fascista: “As declarações do agitador são frequentemente ambíguas e pouco sérias. É difícil fixá-lo em qualquer categoria e ele dá a impressão de estar deliberadamente atuando dramaturgicamente. Ele parece estar tentando dar a si mesmo uma margem de incerteza, uma possibilidade de recuo, para o caso de alguma de suas improvisações fracassar. Ele não se compromete, uma vez que o que deseja, ao menos temporariamente, é fazer malabarismos com conceitos e testar seus poderes. Movendo-se numa zona limítrofe entre o respeitável e o proibido, ele está pronto a usar qualquer dispositivo, de piadas de duplo sentido a completas extravagâncias”.

Ao mesmo tempo, a ideia de que as palhaçadas e apelos do agitador requerem uma “personalidade autoritária” para recebê-los e transformá-los em obediência cega parece ser menos persuasiva hoje. O historiador Peter Gordon chamou recentemente a atenção para algumas das falhas e limites da tentativa de Adorno de “desenvolver [...] uma correlação entre condições socioeconômicas objetivas e perfis subjetivos de personalidades individuais”. Especificidades

históricas também fazem com que a noção seja hoje problemática. É claro que sempre haverá Archie Bunkers⁷ no mundo real, muitos dos quais pertencem à base masculina de Trump, mas mesmo que esse tipo psicológico fosse predominante na sociedade, hoje não é mais assim. Valores convencionais de classe média não gozam mais de legitimidade inquestionável, nem a repressão sexual ou a submissão autoritária são formas privilegiadas de comportamento. É preciso reconhecer que o anti-autoritarismo e o anti-conformismo da direita radical transformam a própria democracia em seu alvo e casa perfeitamente bem com a admiração por um grande líder, visto como homem forte com potencial disruptivo.

O *modus operandi* do agitador fascista também mudou ao longo do tempo. Diferenças fundamentais emergiram tanto no que concerne à relação com a autoridade, como no que concerne à relação com o nosso presidente agitador. Embora algumas analogias entre o tempo presente e o período do entre-guerras não possam ser negadas, toda a estrutura da agitação e a identificação narcisista com o Führer como ideal egóico, tal como Adorno as concebeu, foram modificadas, assim como as práticas que costumavam ser chave para constituir a personalidade autoritária. É visível que a submissão cega à autoridade não está em sintonia com o foco liberal na criatividade e no auto-empoderamento. E quando o agitador-vestido-do-cargo utiliza o twitter, não para articular uma visão coerente de futuro, mas para se apresentar como vítima da cabala do *deep state* e para apresentar a América como vítima de má gestão global e exploração por outras nações, ele manipula os sentimentos de seus seguidores que se sentem traídos e destituídos de seus direitos. Mas os próprios seguidores não são mais consumidores passivos de pronunciamentos de rádio. Eles mesmos se tornaram agentes nas plataformas de mídia social: a antiga comunicação unidirecional, de cima para baixo, entre líder e massas foi substituída por comunicação multidirecional e ativa no anonimato das redes de chat. Anonimato no espaço público digital, um ingrediente chave no modelo de negócio do Facebook, é uma das principais razões para o sucesso da direita alternativa na normalização e difusão do discurso de ódio.

⁷ Archie Bunker é um personagem da série *All in the Family*, representado por Carroll O'Connor. A série foi transmitida pela CBS na década de 1970. No Brasil, o programa se intitulava *Tudo em família* e foi transmitido nos anos 1980 pela Rede Bandeirantes.

O novo protagonismo conferido à agência muda a relação entre o chefe de Estado e o agitador ainda de outra maneira. O agitador chefe pode se limitar a latidos racistas e misóginos – até recentemente logo depois desacreditados ou objeto de “retratação” – que são então ampliados por seus apoiadores nas plataformas digitais. Os latidos apontam para uma prática eficiente de manter o controle e incitar à ação sem que contas sejam prestadas: uma prática de não dar ordens explícitas, mas de insinuar o que deve ser feito, meio de condução bastante difundido entre os mafiosos. O testemunho no Congresso de Michael Cohen⁸, antigo advogado de Trump, deu vida a outra caracterização do fascismo que havia sido desacreditada, e que Adorno e Horkheimer discutiram: a prática de extorsão [*racketeering*].

Como mostram as múltiplas acusações de pessoas no círculo mais próximo de Trump, a extorsão política e a extorsão econômica se fundiram em seu regime. E elas estão intimamente ligadas a um persistente ataque à lei, algo que nenhum mafioso poderia fazer impunemente, mas que um Presidente evidentemente pode. A extorsão discursiva descreve a ligação entre Trump e sua base, incluindo a direita alternativa. As mesmas plataformas digitais que ajudaram a difundir as ideias da extrema direita predominaram na mobilização de eventos como os comícios de Charlottesville. O desenvolvimento tecnológico que vai de plataformas interativas a websites similares aos jornais da imprensa aumentou enormemente o alcance da direita alternativa, que se aproximou dos meios de comunicação *mainstream*. Há grandes diferenças na retórica de tais plataformas: algumas são dedicadas a recrutar seguidores com discussões aparentemente próximas do *mainstream*; outras fazem uso do status privilegiado da memória em nossa cultura e conclamam à salvaguarda da herança sulista; outras ainda focam na suposta violação da livre expressão pela esquerda. Chamados à violência, por outro lado, ocorrem nos grupos privados do Discord ou Facebook. E há muitos deles.

⁸O artigo se refere ao testemunho de Michael Cohen prestado em 27 de fevereiro de 2019 face a um comitê do Congresso Americano, em Washington. Na ocasião, Cohen afirmou, entre outras coisas, que o presidente dos EUA ordenara pagamentos para silenciar uma atriz pornô e que tinha conhecimento prévio dos vazamentos de e-mails pelo Wikileaks que prejudicariam a campanha de Hillary Clinton.

A normalização da violência está escrita em caixa alta em muitos dos produtos da indústria de jogos pela internet, e algumas vezes até na ficção, como no romance *Victoria: A Novel of 4th Generation War* (2014), escrita pelo já mencionado William S. Lind. O romance trata de uma chacina de professores esquerdistas no Dartmouth College – *alma mater* de Lind – por uma milícia de guerreiros cristãos, num momento em que o governo americano entrou em colapso. A fantasia ficcional de Lind tematizando a violência anti-esquerdista encontra ressonância em “A Fair Hearing”, um artigo redigido por Augustus Invictus, editor do site *The Revolutionary Conservative*, no qual o autor devaneia: “A meme de eliminar fisicamente esquerdistas ganhou atenção porque a ideia é instintivamente lógica e atraente. Os meios para eliminar fisicamente esquerdistas, contudo, não são simples. Ainda que jogar comunas de helicópteros à la Pinochet tenha se tornado a proposta política favorita da direita alternativa, ela é obviamente uma solução ineficiente”. E por aí vai. Seria um erro simplesmente ignorar tais delírios.

Tara McPherson, pesquisadora em comunicação na Universidade do Sul da Califórnia, argumentou recentemente que as plataformas digitais nas quais essa crescente esfera pública de direita está emergindo são interconectadas e mutuamente amplificadoras e produzem uma nova era de formação racial, uma estrutura de sentimento (nos termos-chave de Raymond Williams) que ela chama de “racismo imersivo”. O próprio design imersivo dessas plataformas é favorável à direita alternativa, uma vez que encoraja comentários anônimos em postagens, trolagem e a proliferação de *fake news*. O discurso de ódio não é um defeito na plataforma, mas um aspecto generativo desse modelo de negócios.

Finalmente, eu gostaria de concluir com outra citação de uma fonte da Escola de Frankfurt: “O Trumpismo não tem teoria política ou social. Ele não tem filosofia ou qualquer preocupação com a verdade. Numa dada situação, ele vai aceitar qualquer teoria que se prove útil; e vai abandoná-la assim que a situação mudar. O Trumpismo é tanto capitalista como anticapitalista. Ele é autoritário e antiautoritário. Ele vai cooperar com qualquer grupo... que seja receptivo à propaganda trumpista, mas não vai hesitar em lisonjear movimentos autoritários quando isso for mais eficaz... O Trumpismo é a favor e contra a reforma agrária, a favor e contra a propriedade privada, a favor e contra o idealismo. Tamanha

versatilidade é inalcançável numa democracia”. A citação é do livro de Franz Neumann, *Behemoth: The Structure and Practice of National Socialism 1933-1944*, publicado em 1944. É claro que eu substituí “Trumpismo” pelo termo original “Nacional Socialismo”. A ironia é que essa citação pode capturar o sentido do Trumpismo ainda melhor do que explica o Nacional Socialismo. Os Nazistas, afinal de contas, tinham uma ideologia política bem definida, ao passo que com Trump temos apenas um vazio em constante mudança.

Em *Behemoth*, Neumann analisou a agressão sem precedentes do Regime Nazista à lei e ao Estado: “Não resta nada a não ser o lucro, o poder, o prestígio, e acima de tudo o medo. Desprovidos de qualquer lealdade comum e preocupados apenas com a preservação de seus próprios interesses, os grupos governantes se desmantelarão assim que o líder milagreiro encontrar um oponente digno”. Nós ainda não chegamos a esse estágio. Adam Tooze, historiador da economia do Terceiro Reich e do recente crash de 2008, argumentou que as percepções de Neumann são bastante pertinentes hoje: “Que não há harmonia natural entre o capitalismo desenvolvido e a ordem política legal e social; que o capitalismo moderno é uma força disruptiva que continuamente desafia as regras da lei como tal.” Leia-se isso junto com a advertência de David Frum, comentarista político conservador e autor de *Trumpocracy: The Corruption of the American Republic* (2018): “Se os conservadores estiverem convencidos de que não podem ganhar democraticamente, eles não abandonarão o conservadorismo. Eles rejeitarão a democracia”. Esse é o momento do perigo benjaminiano que estamos vivendo agora, aguardando, em expectativa trepidante, as eleições de 2020.

Submetido em setembro de 2020 e aprovado em outubro de 2020.

Como citar:

HUYSEN, Andreas. Behemoth levanta-se novamente: reflexões sobre o fascismo no século XXI. Trad. Sabrina Parracho Sant'Anna. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 40, p. 319-331, jul./dez. 2020. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n40.22>. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>>.